

## **Coletivo Mulheres no *Graffiti*: Toma a rua, que a rua é tua<sup>1</sup>**

Naiana Evangelista Gomes<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará

### **Resumo**

Este artigo pretende analisar a atuação do grupo Mulheres no Graffiti, considerando a estrutura de coletivo como parte de um processo de reconfiguração dos movimentos sociais. Neste caso, também será observada a relação entre a conjuntura social contemporânea e a formação de coletivos; os efeitos da atuação dos coletivos na sociedade e as formas como a mídia, tanto a alternativa, quanto a convencional, é implicada no processo. O coletivo Mulheres no Graffiti realiza intervenções urbanas e atividades formativas utilizando a pichação e o graffiti para promover o empoderamento feminino. O grupo foi criado em 2014, a partir da percepção da demanda de desconstrução do estereótipo, e de sua respectiva confirmação, do graffiti e da pichação como atividades concernentes ao gênero masculino.

### **Palavras-chave**

Palavras-Chave: Feminismo; Graffiti; Empoderamento; Coletivos

### **Introdução**

Abrir, ocupar e partilhar espaços em cuja presença feminina ainda é limitada pela dinâmica patriarcal. Essa é a busca empreendida pelas integrantes do coletivo feminista Mulheres no Graffiti. Por meio da realização de oficinas; rodas de conversa; intervenções urbanas e outras atividades envolvendo diálogos feministas e arte, o coletivo promove o empoderamento feminino e a busca por equidade.

Neste contexto, o graffiti e outras linguagens utilizadas (entre elas o stencil; o lambe-lambe e a pichação), ultrapassam o caráter de arte urbana e ocupam a cidade “(...) tendo por natureza a crítica social, o questionamento e o diálogo com o público, onde o grafiteiro e o pichador manifestam-se como sujeito e agente, em seu contexto histórico-

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, email: [naivangelis@gmail.com](mailto:naivangelis@gmail.com). Trabalho realizado com orientação de Márcia Vidal Nunes, professora da UFC. Email: [marciavn@hotmail.com](mailto:marciavn@hotmail.com).

social e econômico, na tentativa de mudar o que está posto”. (CRUZ, D.M; COSTA, M.T. 2008, P.4).

Este artigo analisa a atuação do Mulheres no Graffiti e sua constituição como coletivo. Observando-se, inclusive, a relação entre feminismo e o direito à ocupação do espaço urbano.

## **1. Relação do coletivo com a política e o mundo**

Um grupo de mulheres feministas que se reuniram e organizaram para promover o empoderamento feminino por meio de diversas linguagens de arte urbana. É a forma como o coletivo Mulheres no Graffiti se apresenta.

A importância do estreitamento da relação entre o feminismo e as ruas pode ser compreendido a partir da construção social em que a mulher é historicamente excluída dos espaços públicos, condição descrita por Bourdieu:

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura, a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos ou até mesmo vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais [...] (BOURDIEU, 2007, p.41).

O processo de conquista e ocupação do espaço urbano pelas mulheres desenvolveu-se notavelmente a partir da atuação do movimento feminista:

A história do feminismo é dividida em dois períodos, a “primeira geração” que vai dos anos de 1860 até 1920, representada basicamente pela igualdade dos direitos e movimentos reformistas; e a “segunda geração”, que teve maior força no final da década de 1960. Neste período, os movimentos feministas caracterizaram-se por duas correntes: a primeira enraizada pela igualdade dos direitos, preocupada em eliminar a subordinação e discriminação contra as mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público. A segunda caracterizou-se pela tendência à emancipação das mulheres e a sua participação política, sob uma mudança social radical (HERNANDEZ, 2007, p.2, apud CARVALHO, 2011, p.6)

Entretanto, as integrantes do coletivo salientam que a rua ainda é um ambiente hostil para as mulheres, o que imprime urgência à necessidade de empoderamento. A

gravidade dessa conjuntura é exposta na pesquisa *Chega de Fiu Fiu*, realizada pelo site brasileiro Think Olga em agosto de 2013. Das 7.762 mulheres entrevistadas, 99,6% já sofreram assédio na rua, e 81% afirmaram já ter deixado de fazer alguma coisa (ir a algum lugar, passar na frente de uma obra, sair a pé) com medo do assédio.

O graffiti e a pichação, formas de expressão tipicamente urbanas, são utilizados pelo coletivo como ferramentas na luta contra as violências e opressões que atingem as mulheres. De forma que, apesar de tais linguagens serem reconhecidas como artísticas pelas integrantes do coletivo, o principal objetivo da realização das intervenções urbanas em que elas são utilizadas não é estético.

A busca por equidade se dá em diversas instâncias. Posto que o próprio universo da arte urbana ainda seja naturalizado como masculino. Tal percepção é, inclusive, constituinte da história do *Mulheres no Graffiti*. As atividades do coletivo foram iniciadas em novembro de 2014, como um projeto no centro cultural *Cuca Mondubim* – integrante da Rede *Cuca*, mantida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Os centros culturais da Rede são descritos, no site da instituição, como sendo “Localizados em territórios estratégicos, os equipamentos atendem jovens de 15 a 29 anos, residentes em áreas de alta vulnerabilidade social”.

A realização da oficina de graffiti voltada para meninas aconteceu antes de o grupo configurar-se formalmente como coletivo; foi viabilizada por meio de aprovação em edital de programação do equipamento; e motivada pelo seguinte episódio: “uma menina ter sido impedida pela mãe de fazer uma oficina de graffiti alegando que ali só havia homens e por isso não era seguro para ela” (DE LARA, Katya).

A repercussão notável do projeto e a vontade de continuar utilizando a arte urbana como ferramenta de empoderamento foram alguns dos fatores determinantes para a formação do coletivo, que ocorreu no mês seguinte, em dezembro de 2014. O grupo teve sua trajetória marcada pela presença de diversas mulheres, e funciona com uma estrutura aberta ao ingresso de novas integrantes. Entretanto, a configuração mais duradoura é composta por Katya de Lara, Raquel Santos e Yellen Brasilino.

Entre as realizações do coletivo *Mulheres no Graffiti* estão: participações em rodas de conversa sobre feminismo e arte urbana; oficinas com grupos feministas como o coletivo *Ciclanas – Mulheres de Bicicleta no Trânsito de Fortaleza*; intervenções urbanas com o Movimento *Passe Livre*; intervenções urbanas nos eventos: *Manifesta – Festival das Artes (CE)*; *Festival Concreto - Festival Internacional de Arte Urbana (CE)*;

Emergências – Encontro global de cultura, ativismo e política (RJ); além de pinturas de murais nas instituições: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Instituto Federal do Ceará (IFCE).

É, portanto, mediante atos, palavras e intervenções que o grupo aproxima-se da realização de seus propósitos – ainda que eles continuem a se estender, dando sentido à continuidade e expansão do coletivo. Como principal objetivo, “dar subsídios para as mulheres/meninas se sentirem seguras de si e poderem ocupar espaços e cargos públicos que durante muito tempo nos foram negados e aos quais hoje ainda temos acesso ‘restrito’” (SANTOS, Raquel). A tomada das ruas pelas mulheres surge então como um processo de promoção de equidade, no qual as integrantes do coletivo estão inseridas tanto como aprendizes, quanto incentivadoras. Entre formas de realizar este percurso de tomada das ruas, pelas mulheres, a realização de intervenções urbanas; adoção da bicicleta como meio de transporte e encontrar condições para andar nas ruas sem a companhia de homens, aparecem como possibilidades para o grupo. “Queremos que todas saibam que esse espaço também é nosso e deve ser ocupado!” (SANTOS, Raquel).

Cabe, portanto, a descrição de MAGRO sobre o processo de inserção das jovens no contexto da arte urbana:

Experiência de meninas que transgridem, ocupam o espaço fincado pela bandeira do macho, tentam construir outros corpos de mulher no espaço urbano de periferia, estruturado e cristalizado naturalmente – mas como possibilidade estratégica de reivindicar um lugar no mundo, ser reconhecida como ser que se expressa, cria, vivencia em seus sentidos, modula sua própria voz – seja aguda, dissonante ou desafinada. Elas marcam presença nas ruas, pelas cores que são grafitadas nos muros, e que revelam a elas próprias suas identidades no transitar pelo espaço público, mostrando a existência vivida, do preto-e-branco às cores (MAGRO, 2004, p.109).

### **1.1 Identificação político-ideológica**

O coletivo declara não possuir nenhuma vinculação partidária; e considera como norteamento a crença e a busca por igualdade social, por meio da luta contra quaisquer formas de preconceito e discriminação. Destarte, o vínculo do Mulheres no Graffiti é com o feminismo, sem circunscrição em correntes ou grupos específicos. Compreendendo este como movimento social que defende igualdade de direitos e status

entre homens e mulheres em todos os campos (ALVES, 1991, apud SANTOS, p. 5, 2011). Mas observando-o através de uma perspectiva estendida:

No início de sua articulação, o movimento feminista foi motivado primeiramente a partir de experiências da mulher. Assim, apresentava crítica à desigualdade social dos sexos (numa perspectiva sociológica de gênero), a fim de promover a luta pelos direitos das mulheres, seus temas e interesses. Porém, nos presentes dias, a teoria feminista moderna não é exclusivamente, associada a teóricas e teóricas acadêmicas de classe média, no ocidente. Desse modo, compreende que feminismo é profundamente amplo e enraizado na sociedade, estendendo-se através das fronteiras de classe, raça ou localidade. Ou seja, o movimento feminista tem se aproximado das especificidades culturais e procurando questionar os tópicos relativos à posição da mulher na sociedade em questão. (SANTOS, p.5, 2011.)

## **1.2 Relação com o anarquismo e com movimentos sociais**

Por compreender que há necessidade de consciência de classe, para que autogestão e liberdades absolutas não culminassem em violência e opressão, o coletivo não considera o anarquismo viável. Entretanto, além de reconhecê-lo como interessante, trabalha de forma horizontal, sem hierarquização entre as integrantes, o que pode ser superficialmente interpretado como uma identificação com os preceitos do anarquismo.

A relação com os movimentos sociais é de otimismo, pela perspectiva de estarem eles crescendo e se fortalecendo. A tecnologia da informação aparece, no atual contexto, como um grande potencializador de tal processo, ao possibilitar o reconhecimento global de ações transformadoras e a comunicação entre movimentos sociais, seus integrantes e outros sujeitos, independente das distâncias (geográficas, mas não só) em que se encontram. Para o coletivo, esse contato com outras experiências de luta tem o poder dar ânimo a mais intentos transformadores, alimentando um ciclo. Quanto às especificidades da conjuntura nacional, acreditam que no Brasil esse processo ainda está iniciando, mas conta com grande vigor.

## **2. Relação do coletivo com a mídia convencional e a alternativa e suas práticas de comunicação**

"Eu nunca tinha ouvido falar em um coletivo, antes de entrar em um coletivo." (BRASILINO, Yellen). A afirmação de uma das integrantes do Mulheres no Graffiti

sintetiza a maneira como o grupo percebe a relação entre a mídia convencional e os coletivos. Diferentemente das Organizações Não Governamentais (ONGs), que possuem espaço, ainda que relativamente pequeno, nessas instituições; os coletivos, por muitas vezes não serem articulados financeiramente, nem possuírem estrutura similar à de empresas, geralmente são desconsiderados e relegados à invisibilidade.

As integrantes do coletivo também atentam para a recorrência de processos de apropriação e de manipulação:

“Acontece muito de os meios de comunicação em massa usarem esses grupos de acordo com a necessidade de visibilidade que querem. Por exemplo: se querem mostrar que estão do lado das mulheres “empoderadas” (pois até mudam os termos para amenizar), fazem uma matéria com as Damas Cortejam, mas se querem mostrar que o feminismo é louco e perigoso vão lá na Marcha das Vadias e batem foto das minas sem camisa pra colocar como atentado ao pudor.” (SANTOS, Raquel).<sup>3</sup>

A análise do coletivo está acordada à perspectiva de que a mídia convencional tem sua dinâmica regida para atender aos interesses de grupos detentores de poder, aos quais interessa a manutenção de uma estrutura social hierarquizada, que se contrapõe ao coletivo e às lutas por equidade. “A mídia convencional tende a ser machista, opressora, héteronormativa, racista, euronormativa e capitalista burguesa por isso acaba criminalizando qualquer movimento que vá de encontro a esse seus preceitos!” (SANTOS, Raquel). A tendência a criminalizar os coletivos é potencializada na medida do quão subversivas são consideradas, pela sociedade, as ferramentas utilizadas por eles, e é agravada quando há uma aglutinação de causas defendidas.

De forma contrária à relação conflituosa com a grande mídia, o coletivo mantém uma convivência amistosa com a mídia alternativa. Como os agentes dessa mídia muitas vezes se articulam em coletivos e partilham das mesmas causas defendidas pelo

---

<sup>3</sup> Banda musical que se autodefine como: “Grupo percussivo feminino que nasce trazendo na essência do seu nome duas concepções da expressão “cortejo”: como ato de cortejar, “galantear”; mas também como nome que costuma se dar ao movimento realizado por caravanas musicais, compostas por instrumentistas que se deslocam tocando e cantando, principalmente pelas ruas. Ambos os significados trazem de maneira forte marcas de um lugar cada vez mais ativo que, sim, toda mulher pode/deve ocupar. A expressão, tão rebuscada, “dama” é só para contrastar e mandar o recado direitinho: hoje as mulheres ocupam as ruas e os palcos. Hoje as “damas” também cortejam!” (Descrição disponível na página da banda na rede social Facebook: <<https://www.facebook.com/damascortejam.mus/info/>> Acesso em: 30 de jan de 2016.

A Marcha das vadias é um protesto feminista que ocorre em várias cidades do mundo. Começou em Toronto, em 2011, como reação à declaração de um policial, em um fórum universitário sobre segurança no campus, de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como sluts (vagabundas, putas, vadias). Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira Slutwalk de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Mulheres no Grafite, existe uma dinâmica colaborativa entre eles, que inclui desde a troca de idéias à cessão de espaços de divulgação e comunicação.

## **2.1. O coletivo Mulheres no Graffiti e as mídias**

Graffiti; lambe-lambe; stenceis; pixações; adesivos; o grito; a roupa; a bicicleta e mesmo a presença em ambientes que (ainda) não são usualmente ocupados por mulheres são algumas das formas de comunicação do coletivo. Para garantir tanto a produção da mensagem (considerando a arte urbana e o espaço público como sendo economicamente mais acessíveis que plataformas e ambientes privados), quanto o acesso a ela, as integrantes do grupo apropriam-se do que já é de uso coletivo por direito: a rua. “Pixa o muro, pinta a blusa, bota lambe-lambe nas paradas de ônibus e por aí vai... Queremos atingir todas as mulheres, e não só as que tem oportunidade de estar em espaços como faculdade e eventos. Por isso essas formas práticas, baratas e alternativas de comunicar são tão importantes.” (BRAZILINO, Yellen).

A predileção por linguagens a pichação reafirma, também, o comprometimento do coletivo com o empoderamento de sujeitos oprimidos e marginalizados. Como explica (RAMOS, 1994, p. 55): a pichação pode ser considerada “violação dos padrões culturais pré-estabelecidos. Indiferentes, alheios, provocadores, questionadores dos momentos político/sociais e dos espaços da cidade (...)”.

Além do espaço urbano, o grupo também utiliza as redes sociais para comunicar. Acessada em 30 de janeiro de 2016, a página “Mulheres no Graffiti – Coletivo”, na plataforma virtual Facebook (<https://www.facebook.com/mulheresnograffiti/?fref=ts>), contabilizava 610 seguidores. A mídia é atualizada pelo coletivo de acordo com a periodicidade de participação em eventos e realização de intervenções, servindo como espaço para divulgação e registro de atividades. Também serve à promoção do empoderamento feminino por meio do compartilhamento de notícias e informações a respeito de outras mulheres grafiteiras, grupos feministas e eventos nessas temáticas. As redes sociais também são importantes para o grupo por seu caráter interativo.

## **3. O coletivo, a política e o exercício da cidadania**

Observando o coletivo como espaço de tomadas de decisões e de reorganização do mundo a partir de uma perspectiva horizontal, admitimos a possibilidade de



compreender a política como algo que ultrapassa a esfera institucional e relaciona-se diretamente com as vivências do empoderamento e da busca por igualdade, como esclarece (ARENDDT, Hannah. 1998, p.48):

A coisa política entendida nesse sentido grego está, portanto, centrada em torno da liberdade, sendo liberdade entendida negativamente como o não-ser-dominado e não dominar, e positivamente como um espaço que só pode ser produzido por muitos, onde cada qual se move entre iguais. Sem esses outros que são meus iguais não existe liberdade alguma (...).

Desta forma, o processo de surgimento e consolidação dos coletivos aponta para a busca por vivências políticas comunitárias, que subvertam as tradicionais estruturas hierarquizadas e, conseqüentemente, contribuam para a conquista de igualdade e justiça social. Ao organizar-se de forma horizontal para realizar ações que visem promover o empoderamento feminino com foco na ocupação do espaço urbano, o coletivo Mulheres no Graffiti contempla e participa de um processo de redesenho do fazer político.

Ademais, as integrantes do coletivo acreditam na militância como realização política, reparando na necessidade de apontar demandas e cobrar melhorias do Estado. A relação com as ruas intensifica esse processo ao estabelecer, através da arte urbana, possibilidades de identificação de outros habitantes da cidade com uma causa, e a conseqüente aderência de tais indivíduos à luta coletiva. Desta forma as integrantes do Mulheres no Graffiti explicam o alcance das ações que realizam:

“Entendemos que toda forma de lutar por seus direitos e melhorias para todos é política, então quando colocamos um "miga, a culpa não é sua" ou um "tamo juntas", estamos fazendo uma comunicação direta sobre o ser mulher e a dificuldade de ocupar esse espaço que nos é tão negado, o público, e reivindicar isso, para nós, é se posicionar politicamente.” (SANTOS, Raquel).

A tomada do espaço público pelas mulheres pode ser compreendida, então, como parte de um processo de construção política: “Quando se considera a vivência de participação das mulheres nos movimentos populares, politiza-se o privado, dá-se existência a uma experiência até então silenciada e, por este caminho, abre-se a possibilidade de pensar a mudança” (BRITO, 2001, p. 297).

Diante de uma realidade midiática (mas que não se restringe aos veículos de comunicação), que ainda reproduz a desigualdade e silencia minorias, militância surge como parte, concomitantemente, da busca e do exercício da cidadania. O ato de ocupar o espaço urbano, quando vivenciado pelos que são desprovidos de acesso a ele, ultrapassa, portanto, o reconhecimento desse direito. E a cidadania constitui-se,



também, na resistência, na insistência em exercer direitos que ainda não são plenamente respeitados.

“Tanto o grafite quanto a pichação vão disputando espaços para a sua inclusão, vão registrando, com signos e símbolos, a história de um povo. Esta história se insere no cenário da cidade, dizendo a esta mesma cidade coisas suas que ela própria tenta esconder.” (CRUZ, D.M; COSTA, M.T. 2008, P.5).

As integrantes do Mulheres no Graffiti reconhecem na ocupação do espaço urbano por meio das intervenções artísticas, uma forma de exercício da cidadania. “É tentar ter voz e empoderar outras mulheres para terem voz, garantir à cidadã o direito de se expressar, pois quando você vai para a rua e põe sua reivindicação no muro, é outra forma de fazer ouvir essa minha voz de cidadão. E ainda é pouco!” (SANTOS, Raquel).

Apesar de considerar que a vivência no coletivo contempla a utopia de uma relação comunitária que se acredita como característica dos primeiros agrupamentos de seres humanos, as integrantes do Mulheres no Graffiti evitam comparar as duas formas de organização social. Considerando audaciosa a idéia de retomada. Entretanto, é notável como a adoção de uma estrutura horizontal subverte a lógica do capitalismo, permitindo alusões ao passado e nos defrontando com a possibilidade de construção de sociedades outras, ainda que vagamente.

Esse processo implica, também, um confronto com a estrutura de Estado e com a política tradicional, reconhecendo as opressões perpetradas por - ou sob conivência do - de seus agentes. Há, porém, diversidade de opiniões, dentro do coletivo, sobre a possibilidade de ruptura como solução.

#### **4. Considerações finais**

Diante de uma conjuntura social em que muitas mulheres ainda tem medo de sair às ruas; a atuação de um coletivo feminista que só trabalha com mulheres (sem, entretanto, negar-se a conviver e dialogar com homens) e ocupa as ruas com mensagens de empoderamento faz-se destacável.

Criado em 2014, o coletivo Mulheres no Graffiti contribui no processo de tornar acessíveis às mulheres espaços que já são delas por direito. Este, acreditam as integrantes do grupo, é um caminho necessário para a conquista de igualdade social.

A estruturação do grupo como coletivo, marcada por relações de horizontalidade, mostra-se acordada a essa luta por uma sociedade igualitária. E

pintando nos muros, ruas e outros espaços da cidade, a crença na mudança. Com frases como “Miga, tamo junta”<sup>4</sup> e “Mulher, a rua é tua”, as Mulheres no Graffiti vão se construindo e construindo novas realidades.

Destarte, “as imagens tatuadas no corpo da cidade, e consideradas, na maioria das vezes, como marginais à cultura, vão pouco a pouco nutrindo a cultura que as rejeita”. (RAMOS, 1994, P.45).

## REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

CARVALHO, Débora Jucely. **A conquista da cidadania feminina**. Revista multidisciplinar da unesp saber acadêmico - n ° 11 - Jun. 2011/ ISSN 1980-5950 .

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, Pichação & Cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

MAGRO, Viviane Mendonça Melo. **Meninas do Graffiti: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas**. 2003. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, São Paulo, n. 9, p. 81-91, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.reid.org.br/arquivos/00000228-07-09-santos.pdf>>. Acesso em: 30 de jan de 2016.

ARENDT, Hannah. **O Que é Política?** Tradução Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

BRITO, Maria Noemi Castilhos. **Gênero e cidadania: referenciais analíticos**. Revista Estudos feministas, 2001. Disponível em: Acesso em 29 de jan de 2016.

CRUZ, D.M; COSTA, M.T. **“Grafito e pichação – Que comunicação é esta?”** LINHAS, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112. 2008.

## Sites

---

<sup>4</sup> Expressão equivalente à “Amiga, estamos juntas”.

Chega de Fiu Fiu: resultado da pesquisa, disponível em:

<<http://thinkolga.com/2013/09/09/cheга-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>>. Acesso em 28 de jan de 2016.

Rede Cuca, Prefeitura Municipal de Fortaleza <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/rede-cuca>>. Acesso em 29 de jan de 2016.

Coletivo Mulheres no Graffiti – Facebook <

<https://www.facebook.com/mulheresnograffiti/?fref=ts>> . Acesso em 29 de jan de 2016.